

A onomástica no Termo do Porto no século XV

Fabiano Ferramosca

O objectivo do presente artigo é o estudo da onomástica no Termo do Porto na primeira metade do século XV. O termo do Porto contemplava uma região que ia desde Santa Maria da Feira a sul, até à Maia no norte.

Na época medieval, em famílias não nobres, os nomes eram por regra constituídos por dois elementos: um nome próprio e um patronímico (nome proveniente do pai). Dado que um número restrito de nomes era maioritariamente utilizado (por exemplo: Joham, Afonso), o resultado era uma certa profusão de nomes iguais –Joham Afonso, Afonso Joham)- mesmo em lugares relativamente pequenos. No século XIV começam a surgir excepções a essa norma. No Século XV, o sistema de patronímico vai lentamente recuando em favor de outros sistemas como a nomeação de um nome próprio e de uma designação geográfica (por ex. João da Eira), o nome próprio e patronímico acrescido de outra designação (que pode ser geográfica, alcunha ou um nome), ou diversas combinações. No século XVI, o sistema mais utilizado é o de um nome próprio e um nome de família que é hereditário.

Para o efeito deste estudo, utilizamos como fonte primária "O livro de abertura da Rua Nova", um livro fiscal com o intuito de registar o imposto pago para custear as despesas de construção da dita rua pela Câmara do Porto. Este livro contém os nomes, bem como os valores pagos pelos contribuintes residentes no Termo do Porto nos anos de 1437 e 1438, incluindo ainda, algumas informações adicionais como: origem geográfica, profissões e mudanças de residência.

Foram, assim, analisados 2500 contribuintes, 2300 (92%) do género masculino e 200 (8%) do género feminino. A população estudada é eminentemente rural dado que a lista não inclui os nomes dos contribuintes da cidade do Porto propriamente dita.

Os nomes constantes do "Livro de Abertura da Rua Nova" foram analisados através de uma série de grelhas detalhando os nomes patronímicos, alcunhas, outras designações e a sua respectiva percentagem. Da análise das grelhas concluiu-se que nos anos de 1437 e 1438 puderam-se verificar duas situações: por um lado, há uma manutenção da tradição antroponímica, ao nível dos nomes próprios, mantendo-se a utilização de nomes tradicionais da Idade Média (ex. Joham, Martim, Afonso). Por outro, assiste-se a uma mudança do sistema patronímico sendo que o uso tradicional de um nome e o patronímico é usado por apenas 30% da população, enquanto que 40% utiliza o nome mais o patronímico complementado com outro nome (como uma alcunha ou designação geográfica), correspondendo os restantes 30% a diferentes situações. A necessidade de individualização e diferenciação pessoal pode estar na base desta mudança, sendo este um período de transição entre o sistema patronímico e o sistema de nome de família.

Palavras-chave: Idade Média, Antroponímia, sistemas onomásticos.